

Andreia Lago

Universidade Federal do Rio
de Janeiro – UFRJ

Email:

andreiamlago@gmail.com

Etiene Pereira Martins

Universidade Federal do Rio
de Janeiro – UFRJ

Email:

etieneredatora@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

O que vem depois do neoliberalismo?

What comes next after neoliberalism?

¿Qué viene después del neoliberalismo?

Munhoz Lago, A., & Pereira Martins, E. O que vem depois do
Neoliberalismo?. *Revista Eco-Pós*, 26(01), 539–551.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28071>

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28071

RESUMO

Um resgate histórico das forças que nos trouxeram até o processo de transformação ideológica profunda que está em curso no mundo contemporâneo, resultando no contexto atual que dá nome à obra — *O grande recuo: a Política pós-populismo e pós-pandemia*, publicada em 2023 pela Todavia. O sociólogo italiano Paolo Gerbaudo retrocede aos efeitos da crise econômica de 2008, quando crises bancárias multiplicaram-se pelo mundo e resultaram em recessão, para identificar o ponto em que o capitalismo ocidental foi lançado ao caos político. Nesse mapeamento, o autor aborda conflitos e alianças de classe, os inimigos da direita nacionalista e da esquerda socialista, o novo intervencionismo estatal e a ascensão e queda da globalização.

PALAVRAS-CHAVE: *Neoliberalismo; Estado; Soberania; Ideologia.*

ABSTRACT

A historical review of the forces that brought us to the process of profound ideological transformation that is underway in the contemporary world, resulting in the current context that gives its name to the work — *The Great Retreat: Post-populism and Post-pandemic Politics*, published in 2023 by Todavia. Italian sociologist Paolo Gerbaudo goes back to the effects of the 2008 economic crisis, when banking crises multiplied around the world and resulted in recession, to identify the point at which Western capitalism was thrown into political chaos. In this mapping, the author addresses conflicts and class alliances, the enemies of the nationalist right and socialist left, the new state interventionism and the rise and fall of globalization.

KEYWORDS: *Neoliberalism; State; Sovereignty; Ideology.*

RESUMEN

Un rescate histórico de las fuerzas que nos acercaron al proceso de profunda transformación ideológica que se vive en el mundo contemporáneo, dando como resultado el contexto actual que da nombre a la obra — *El Gran Retiro: Post-populismo y Políticas Post-pandemia*, publicado en 2023 por Todavia. El sociólogo italiano Paolo Gerbaudo se remonta a los efectos de la crisis económica de 2008, cuando las crisis bancarias se multiplicaron en todo el mundo y desembocaron en recesión, para identificar el punto en el que el capitalismo occidental se sumió en el caos político. En este mapeo, el autor aborda los conflictos y las alianzas de clase, los enemigos de la derecha nacionalista y la izquierda socialista, el nuevo intervencionismo estatal y el auge y caída de la globalización.

PALABRAS CLAVE: *Neoliberalismo; Estado; Soberanía; Ideología.*

Submetido em 09 de maio de 2023

Aceito em 01 de junho de 2023

Quando *O Grande Recuo - A política pós-populismo e pós-pandemia*, do sociólogo italiano Paolo Gerbaudo, foi lançado no exterior, em agosto de 2021, o Brasil registrava o menor número de mortes por Covid-19 desde o início da emergência sanitária, mas ainda parecia prematuro falar em um cenário pós-pandemia. No livro, o autor debruça-se sobre o papel do Estado num contexto pós-pandêmico em que o mundo neoliberal morreu e estamos à mercê de um universo de perigos econômicos, ambientais e sociais, ao qual se soma a ameaça política do autoritarismo de direita. Um contexto que Gerbaudo define como um momento de recuo ideológico rumo ao que ele chama de neo-estatismo, um senso comum que modula forças políticas distintas e forja um novo consenso político e regime de governança.

Quando a obra foi publicada no Brasil, em janeiro de 2023, pela editora Todavia, os desdobramentos sociais e políticos do contexto analisado por Gerbaudo haviam se multiplicado. Nesse intervalo de 16 meses, as tropas de Vladimir Putin invadiram a Ucrânia e inseriram uma guerra no cenário internacional, Chile e Colômbia elegeram seus primeiros presidentes de esquerda, e o Brasil derrotou nas urnas a candidatura de Jair Bolsonaro à reeleição. Na Europa, a extrema-direita venceu as eleições na Itália e, pela primeira vez, elegeu uma mulher como premiê.

No prefácio à edição brasileira, o autor resgata esses desdobramentos para conectá-los com a sensação de aceleração histórica e desnorreamento que permeou os últimos anos e nos lembrar que a História e a ideologia, relegadas ao ostracismo nos anos de consenso neoliberal, voltaram a atrair interesse. "As crises", afirma o sociólogo, "mostram que a máquina da História voltou a funcionar" (Gerbaudo, 2023, p. 7), superando o prognóstico de Fukuyama.

No cenário pós-pandemia e pós-populista, o autor alinha a nova esquerda neo-estatista ao discurso ecosocialista de intervenção do Estado para proteger o habitat humano, enquanto a nova direita nacionalista adota o discurso de protecionismo do "proprietariado" elitista. A nova centro-esquerda, por sua vez, resgata a pauta social-democrata com recuperação da intervenção estatal para garantir condições sociais básicas, que Gerbaudo associa ao direcionamento econômico moderadamente progressista de Joe Biden. Como exemplo da *Bidenomics*, cita o

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28071

Estado empreiteiro que financia grandes obras e pratica um intervencionismo indireto na economia na atual gestão democrata estadunidense. Seja qual for a corrente ideológica, o sociólogo identifica uma mudança nos limites do discurso político: o Estado deixa de ter papel secundário, assumindo um perfil controlador, de protetor da sociedade, arquiteto das soluções e defensor das garantias coletivas. Na política contemporânea, os fenômenos políticos dizem respeito ao Estado, à sua transformação e seu retorno ao palco, resume o autor. Ainda assim, esquerda e direita continuam sendo pró-negócios e pró-mercado, avisa.

Na introdução, Gerbaudo traça um resgate histórico das forças que nos trouxeram até o Grande Recuo, que o autor define como uma metáfora hegeliana para o processo de transformação ideológica profunda que está em curso. Retrocedendo aos efeitos da crise econômica de 2008, quando crises bancárias se multiplicaram pelo mundo e resultaram em recessão, o sociólogo identifica o ponto em que o capitalismo ocidental foi lançado ao caos político. A campanha do Brexit, que levou o Reino Unido a deixar a União Europeia, a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e a ascensão de novas lideranças à esquerda são elementos que compõem a escalada do populismo e a extrema polarização na política que caracterizam a década de 2010.

Após a pandemia de Covid-19, no entanto, Gerbaudo vislumbra o nascimento de um novo normal político. Na esteira do confronto entre o neoliberalismo e o populismo, foi o pânico causado pelo coronavírus que derrotou a desconfiança neoliberal com o Estado interventor. Da necessidade do governo forte traduzida em recursos públicos para socorrer desempregados e empresas aos programas de investimento do Estado para enfrentar a ameaça climática, nasceu o neo-estatismo, uma metaideologia que permeia todos os espectros políticos num embate para definir o que virá depois.

Pesquisador da política no século XXI e diretor do Centro de Cultura Digital do King's College, em Londres, Paolo Gerbaudo apresenta sua obra como um diagnóstico do presente, um mapeamento das relações entre as motivações ideológicas emergentes e as demandas socioeconômicas que as moldam para entender o rearranjo contemporâneo do discurso e da prática política na Europa e nos Estados Unidos. O presente, afirma o autor, reúne um misto de

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28071

regressão, introversão e reorganização interna associado à ideia de Erinnerung de Hegel (2003), um momento de interiorização em busca de soluções para a incapacidade dos modelos do passado de satisfazer necessidades básicas da sociedade. À direita, esse olhar populista para o passado foi captado pelos *slogans* das campanhas exitosas do Brexit, que pregava a retomada do controle pela Grã-Bretanha (*Take Back Control*), e de Donald Trump, em 2016, com a promessa de fazer a América ser grande novamente (*Make America Great Again*). À esquerda, pelas referências keynesianas do trabalhista britânico Jeremy Corbyn e pela oposição do francês Jean-Luc Mélenchon à abertura embutida nas ideias neoliberais.

É nesse contexto que a pandemia, com *lockdowns*, isolamento social e equipamentos de proteção individual, fechamento de fronteiras e restrições às viagens internacionais, deu margem ao que Gerbaudo chama de "corona-estatismo", obrigando líderes globais a deixar de lado os dogmas neoliberais que orientaram medidas políticas e econômicas nos últimos trinta anos. A crise sanitária resgatou a priorização do mercado interno sobre o comércio internacional e reposicionou políticas de saúde, emprego e educação no topo da escala de prioridades do Estado. A pandemia, diz o sociólogo, foi para as elites neoliberais o que a queda do Muro de Berlim foi para os comunistas em 1989 — um momento de choque, seguido de desnorteamento e redefinição das certezas que prevaleceram até aquele momento.

O sociólogo italiano nos mostra como um amplo léxico que estava em desuso retornou aos discursos e ao noticiário. Além de ressuscitar termos como déficit orçamentário, subsídios do Estado e propriedade estatal, o léxico em ascensão na política contemporânea resgata conceitos como o de soberania nacional, proteção do Estado e garantias sociais, desidratando ideias centrais do projeto neoliberal, como a livre circulação de capital, bens e pessoas. Entre os nacionalistas de direita, a promessa de proteção do Estado foi mobilizada contra os imigrantes tanto nos Estados Unidos quanto em países europeus, especialmente na Itália e na França. À esquerda, as ideias soberanistas são acionadas para defender o direito de comunidades locais sobre recursos primordiais, como energia, alimentos e tecnologias.

No capítulo 1, o autor dá início ao mapeamento ideológico por trás do Grande Recuo e debruça-se sobre as forças em ação na cena política nos últimos 15 anos: o neoliberalismo em

xeque, o populismo em ascensão e o estatismo que se impõe no pós-pandemia. Se a ausência da ideologia no radar político das últimas décadas sugeria uma era pós-ideológica, em que a política não era mais guiada por grandes narrativas, a derrocada do projeto neoliberal jogou por terra a tese da era pós-ideológica. Para o sociólogo, "os conflitos ideológicos pareciam resolvidos não por causa do fim da ideologia, mas por conta do triunfo de uma ideologia só — o neoliberalismo — em relação a todas as outras" (Gerbaudo, 2023, p. 41). Agora, afirma, entramos na fase do pós-neoliberalismo, caracterizado por um novo conjunto de forças ideológicas em disputa para tomar seu lugar.

No capítulo 2, Gerbaudo esmiúça o papel da crise da globalização, com o impulso às práticas de terceirização, *offshoring* e valorização do mercado externo que concentraram a produção global em países subdesenvolvidos intensivos em mão de obra, no retorno ao estatismo do presente. A ênfase na abertura e na externalização das economias, diz o autor, resultou nas fendas entre metrópoles globais e as periferias pobres do mundo, alimentando desigualdades que impulsionaram o descontentamento social e favoreceram os movimentos populistas dos anos 2010. A pandemia foi a gota d'água: desacelerou a economia global, impôs uma ruptura nas cadeias logísticas globais e reabilitou o protecionismo econômico — arqui-inimigo da globalização.

Ao longo do capítulo 3, o sociólogo dissecou o papel-chave da ideia de soberania na política contemporânea, identificando a onipresença do termo em discussões que vão do recuo do Estado às imigrações, das críticas ao imperialismo das *Big Techs* aos debates sobre implicações diversas da pandemia. Para além do papel central que a palavra soberania desempenhou no debate britânico sobre a União Europeia, para Gerbaudo a revitalização do termo soberania precisa ser entendida no contexto ideológico de resposta ao projeto neoliberal e ao modo como este favoreceu a erosão da soberania nacional em um mundo globalizado.

No capítulo 4, Gerbaudo aborda a gênese dos diversos sentidos atribuídos ao termo proteção no centro do discurso político neo-estatista. No cerne da teoria do Estado desde os estudos da filosofia política de Platão, Maquiavel e Hobbes, a ideia atual de proteção reflete uma mudança nas prioridades sociais em contraponto ao projeto neoliberal, mas assume diferentes

significados em cada campo ideológico. Basta lembrar como tópicos específicos adquiriram uma dimensão política muito maior durante a pandemia, como a obrigatoriedade do uso de máscaras em locais públicos. No contexto pós-pandemia, o autor afirma que as ideias associadas ao termo proteção — como salvaguardas, garantias, cuidados e segurança — estão relacionadas a perigos diversos que podem assumir a forma genérica de "interesses estrangeiros" até o influxo de imigrantes em fronteiras específicas.

A ideia central do capítulo 5 é a noção de controle como pressuposto da ideia de soberania estatal, que Gerbaudo analisa desde as origens, no estadismo da Idade Média, até as conotações que o termo assume entre representantes da direita populista e da esquerda no contexto contemporâneo. Associada a termos hostis ao projeto neoliberal, como controle de capitais e controle ambiental, a palavra controle vem sendo ressignificada na disputa de narrativas entre a direita nacionalista e a esquerda socialista. "O controle, assim, representa questão central para entender a endopolítica do Grande Recuo" (Gerbaudo, 2023, p. 173), afirma o autor, ao debruçar-se sobre o controle como comando, como direção e como autonomia

Logo após explorar a endopolítica no Grande Recuo e a tríade soberania, proteção e controle que está no seu cerne, Gerbaudo mapeia a base de apoio de diversos atores políticos que competem pela hegemonia pós-neoliberal e evidencia também como os diferentes grupos sociais e interesses de classe seguem alinhados em uma nova conjuntura. O autor introduz essa reflexão elencando o quanto é controverso o assunto "classe" nos debates contemporâneos, mas, ainda assim, o considera uma categoria inevitável e central para analisar as divisões políticas.

Mesmo diante de um cenário em que o populismo se destaca, favorecendo a conclusão equivocada de que o comportamento político se dá com uma massa de indivíduos pulverizados e desligados da classe, apresenta-se uma visão crítica que foge dessa percepção tendenciosa e simplista. Essa obra torna possível a compreensão de que esse comportamento não é um fenômeno social polivalente e que há sim o viés de classe, mesmo que esse viés não seja o único fator que orienta o comportamento eleitoral. É através dessa lente que o autor propõe, mas não consegue levar em consideração, outros aspectos sociodemográficos, sublinhando a importância

de diversas variáveis ao conduzir a análise. A princípio ele destaca as variáveis de localização geográfica, faixa etária, etnia, gênero e perspectivas culturais, mas não aprofunda.

Do capítulo 6 em diante o autor constata que a ascensão de movimentos populistas e a polarização política crescente acabaram sendo fortemente entrelaçadas com o descontentamento social e com o conflito de classes em uma era marcada por crises econômicas profundas e pelo alargamento da desigualdade. O populismo é apresentado a partir da sua dimensão estrutural e da tentativa da esquerda socialista e da direita nacionalista de agradar os setores da sociedade assolados pelo medo da pobreza e da exclusão. Essa observação da dimensão de classe implícita no populismo é feita por Gerbaudo em referência à direita populista, mas não somente. Ele faz uma leitura criteriosa de outras reflexões para compreender quem é esse eleitorado, a partir do que ele foi conquistado e como mudou de posição alterando e mantendo o cenário político. Essa observação conclui que a coligação social de direita alia dois eleitorados: a classe média velha e a classe operária velha; operários fabris inseguros e o estrato médio dos técnicos, supervisores e empresários. Uma proporção significativa vive em áreas periurbanas e exurbanas, fortemente dependente da indústria e da logística por resultado de políticas de deslocalização interna.

A nova coligação social de esquerda engloba não apenas a nova classe média dos profissionais do setor público, da cultura e do conhecimento, mas também de setores da nova classe operária ou o “precariado dos serviços” que consiste em profissionais como estoquistas, caixas, faxineiros, motoristas, entregadores e assim por diante. Esses agrupamentos, que diferente dos operários fabris, estão concentrados sobretudo em cidades grandes e médias, têm crescido com constância nos anos recentes e são afetados pela remuneração baixa e pelas condições de trabalho precárias. O centro neoliberal retém o controle sobre o extrato superior de gerentes, de pensionistas abastados e parcelas garantidas das outras classes preocupadas com a instabilidade política e com o perigo do populismo em oposição.

O autor traça o perfil e entende que os eleitorados que elas representam preocupam-se com diferentes tipos de desamparo e agorafobia: operários de colarinho azul, com a concorrência internacional; profissionais do setor de serviços, com os empregos precários;

lojistas, com as empresas digitais que usurpam o mercado; e a classe média, com a desvalorização das qualificações e a ameaça de automação. Assim, eles reivindicam formas de proteção que são bem diferentes: proteção da propriedade e do status na direita; proteção dos empregos e do serviço público na esquerda. Nessa conjuntura, a meta estratégica para a esquerda é superar suas dependências excessivas da classe média com formação superior concentradas nas cidades grandes, priorizando esforços que mirem formar alianças com operários nos rincões afastados. No mais, ela precisa abrir uma brecha entre os interesses de classe contraditórios representados pelos prospectos da direita populista, expondo o fato de que, por trás de suas proclamações trabalhistas, ela esconde uma pauta fortemente enviesada para os interesses da classe capitalista.

Um fenômeno apresentado como inquietante é o fato de os operários industriais do século XXI passarem a votar na direita, uma vez que operários da indústria eram mais de 50% do eleitorado dos partidos de esquerda, além de terem composto o grosso dos filiados dos partidos na Europa Ocidental ao longo do século XX. Gerbaudo considera alarmantes as evidências de apoio da classe operária à direita, mas a trata sob a perspectiva de um não ineditismo. Ao citar a era de ouro do industrialismo fordista, o autor destaca que, mesmo a classe operária votando na esquerda em grandes majorias, sempre existiu uma parcela de direita nos votos da classe operária, entre os quais enumera os “conservadores operários” do Reino Unido, os “democratas pró-Reagan” nos Estados Unidos e os industriários que votaram pela democracia cristã na Itália, em regiões como o Vêneto e a Lombardia. Em vez de serem pioneiros na obtenção de votos da classe operária para a direita, com algumas representações sensacionalistas leva a crer que a direita sensacionalista ampliou significativamente uma tendência que já existia.

Na análise, o autor apresenta uma reflexão pautada nas mudanças do mercado de trabalho dos operários que, ao longo de poucos anos, alteraram sistematicamente o comportamento eleitoral dentro dessa classe de trabalhadores. Gerbaudo cita como exemplo o fato de a classe operária tradicionalmente ter englobado uma variedade muito maior de ocupações manuais, incluindo muitas fora da usina fabril, dentre elas: carregadores, construtores, motorista de ônibus e de caminhão. No ápice da era industrial, o fato de os

trabalhadores fabris representarem a maioria da classe operária fez com que houvesse uma divergência de comportamento eleitoral quando as ocupações caíram. Ao mesmo tempo, houve um crescimento veloz da classe operária não fabril. Atualmente, há bem mais trabalhadores manuais em ocupações de serviços definidos como “trabalhadores de vendas e de serviços” na Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO) da Organização Internacional do Trabalho (OIT). É significativo, portanto, que a ocupação mais comum dos dias de hoje seja a de assistente de vendas, e não de operários fabris, reflexo de uma sociedade consumista na qual a distribuição e o consumo tornaram-se mais importantes do que a produção.

Tal precarização do serviço atende diretamente a necessidade da classe média. O precariado é formado pelos faxineiros que arrumam o escritório onde trabalham profissionais, técnicos e gerentes; garçons que lhes servem o café, assistentes de vendas que atendem seus hábitos de consumo; estoquistas da Amazon que manuseiam as encomendas; funcionárias de *call centers* que resolvem as devoluções e reclamações; e entregadores de aplicativo que transportam a comida para uma classe criativa que está muito ocupada com suas profissões para ter tempo de cozinhar, lavar os pratos e as roupas. Esse precariado inclui o que Gerbaudo destaca como “trabalhadores festejados durante a pandemia”, como cuidadores e faxineiras, pessoas que, embora sejam descritas como “essenciais”, têm que se adequar a salários muito baixos que mal garantem a sua sobrevivência. Esse precariado dos serviços também difere do proletariado industrial em termos de gênero e raça. Enquanto a classe operária fabril tende a ser masculina e branca, no precariado é multicultural e tem um forte componente feminino. Muitos empregos do precariado do serviço, tais como enfermeiras e cuidadoras de idosos, são definidos no livro como operários de colarinho rosa, e o operário fabril, como operário de colarinho azul.

Grande parte da explicação para o precariado de serviço ter se tornado foco dos ativistas de esquerda se baseia nas agruras que esse grupo enfrenta no dia-a-dia para sobreviver financeiramente. As iniciativas mais notáveis de mobilização sindical na Europa e nos Estados Unidos em anos recentes tiveram como foco exatamente essa fração da classe operária. A porção do precariado de serviço que vota é mais favorável à esquerda do que a parcela equivalente do proletariado de colarinho azul. Trabalhadores que integram o precariado são vistos pela

esquerda como um eleitorado estratégico, que pode colaborar para compensar dois votos que foram perdidos dentre a categoria de colarinho azul.

Outros pontos explorados na análise que mapeia os apoios políticos são a ruralização da fábrica, a fragilidade da classe média, gerentes *versus* designers e o novo intelectual orgânico. Em relação à ruralização da fábrica, Gerbaudo afirma que a partir de 1950 as empresas começaram a descentralizar a produção levando suas instalações para cidades de pequeno e médio porte a fim de usufruir da qualidade de transporte e comunicação que esses territórios proporcionavam, bem como dos baixos salários e do baixo valor das terras nas periferias urbanas. A consequência é que muitos trabalhadores fabris vivem hoje em pequenas e médias cidades, sendo mais dependentes da manufatura do que dos grandes centros urbanos. Essas cidades chamam atenção e recebem um olhar direcionado pelas campanhas eleitorais da direita nacionalista. Na obra, o autor chama atenção para as cidades com essas características visitadas por Trump em 2016 e 2020.

Depois de discutir o comportamento eleitoral da classe operária, o autor dedica-se à classe média e sua fragilidade, já que esta é decisiva nas eleições sobretudo pela taxa de participação eleitoral acima da média. Durante a era neoliberal, foi o setor mais cortejado de todos os setores do eleitorado. Essa classe média é a parcela que apoia com mais entusiasmo o centro neoliberal. Os remanescentes da classe média do Oriente, definidos pelos marcos tradicionais da classe média, que incluem casa própria, poupança, boa formação e um bom salário, são classificados pelo autor como uma classe medíocre devido à precarização de sua situação. Essa parte da classe média agora se vê tomada por uma angústia profunda diante da dificuldade crescente de sustentar seu pertencimento a esse grupo social. Essa fragilidade tem um caráter mais generalizado da experiência da classe média que vai além dos períodos econômicos. Para Gerbaudo, a crise da classe média é um sinal preocupante para a estabilidade social, e não surpreende que estratos dessa classe, que geralmente desconfia da intervenção governamental, agora exijam proteção estatal.

Após analisar a classe média, o autor conclui que essa classe é um guarda-chuva bem mais complicado que a classe operária porque engloba uma grande variedade de profissões,

condições de trabalho e níveis de renda e patrimônio, o que dificulta tratá-la como um grupo eleitoral coerente. Apesar dessa complexidade, o sociólogo italiano destaca uma clivagem dominante dividida entre os novos e antigos pequenos burgueses e a nova classe média, ou seja, gerentes *versus* designers. O setor da classe média que gravita para a esquerda tende a ter uma renda menor do que a antiga classe média que apoia a direita, o que demonstra que o setor da classe média que se alinha com a direita nacionalista é a antiga pequena burguesia.

A nova classe média, que é o pilar fundamental da esquerda, já foi muito pequena e cresceu significativamente ao longo da transformação que tomou os rumos da economia do conhecimento, a qual demandou especialistas de alta formação aptos a desempenhar um trabalho qualificado. As figuras que melhor representam essa nova classe média são os ditos profissionais socioculturais, categoria que inclui jornalistas, professores, bibliotecários, pesquisadores universitários, assim como a classe criativa dos designers, programadores e profissionais do marketing.

Nesta obra, o autor faz uma reflexão que problematiza e analisa historicamente as perspectivas políticas, apresentando a estratégia de se construir um inimigo de forma detalhada, evidenciando quem são as figuras vistas como encarnação do perigo social e demonstrando que o poder de convencimento se dá inteiramente pautado no que se conhece sobre os anseios e os medos dos eleitorados. Isso sem deixar de lado as expectativas políticas do Estado pós-pandemia, já que a crise do coronavírus e seu gerenciamento desastroso em muitos países alertou para diversas deficiências estatais.

Nessa busca de oferecer uma leitura minuciosa da conjuntura, *O Grande Recuo* chega à sua conclusão apresentando um diagnóstico em que se pode imaginar um projeto de transformação com vista a uma sociedade futura que supere as falhas do neoliberalismo. Uma república social pela qual todos deveriam trabalhar e não ser imaginada como uma ilha autárquica.

Referências bibliográficas

FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2015.

GERBAUDO, Paolo. *O grande Recuo: A política pós-populismo e pós-pandemia*. São Paulo: Todavia, 2023.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. São Paulo: Ed. Vozes, 2003, 2ª edição.

Andreia Lago - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi bolsista Mestrado Nota 10 da Faperj. Membro do Grupo de Pesquisa MJAE - Estudos de Mídia, Jornalismo Audiovisual e Educação. Pesquisa o papel do jornalismo na cena midiática contemporânea e o impacto de novas tecnologias sobre as práticas jornalísticas.

Email: andreiamlago@gmail.com.

Etiene Pereira Martins - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestranda em Relações Étnico Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro. Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialista em Comunicação e Saúde pela Escola de Saúde Pública de Minas Gerais. Pesquisa as relações raciais e de gênero na comunicação.

Email: etieneredatora@gmail.com.